

Na Alemanha decidimos emigrar o mais rapidamente possível. As condições pioraram colossalmente, o que passou despercebido no resto da Europa, não só para nós, judeus, mas em geral também.

Portugal era o único país europeu possível, e existia o perigo de também fechar as fronteiras. Assim, casámos no dia 16 de Março, apenas no registo, porque tudo o mais teria custado muito dinheiro que precisávamos para outros fins.

No dia 31 de Março à tarde deixámos Magdeburgo, acompanhados na despedida por familiares e pelos nossos amigos, um dos quais também partia nessa noite para a África do Sul.

Embarcámos, depois de tudo correr bem, no dia 3 de Março de 1936 no Monte Oliva; poderíamos ter trazido milhares connosco. A viagem foi aborrecida, o tempo estava fresco e o mar tranquilo. Mesmo assim, a minha mulher enjoou, aproveitando pouco da travessia.



A 8 de Abril, pouco antes da Páscoa, chegámos com um tempo maravilhoso. As palmeiras resplandeciam ao nosso encontro.





Milhares de refugiados passaram por Lisboa, mas poucos aqui ficaram. Para estes, por diferentes razões, o porto de trânsito tornou-se no ponto de destino.

Aqui morreram e aqui viveram as suas vidas, que teriam sido completamente diferentes se tivessem, como tantos outros, seguido o caminho das Américas. Do norte ou do sul, consoante o seu plano de fuga de uma Europa em chamas.

Em Magdeburgo, os meus avós tinham decidido partir.

Passavam três anos desde a tomada de posse de Hitler, que, do meu avô, na altura com vinte anos, apenas merecera uma curta linha nos seus diários. A situação para os judeus piorava, mas não sei exactamente o que os terá levado a tomar esta decisão, muito antes de tantos outros. Terão sido as recentes leis racistas ou a acusação ao meu avô de não ter feito a saudação nazi num sítio onde aparentemente nunca tinha estado. O facto é que, já em Setembro de 1935, o meu avô tinha escrito cartas para Espanha, pedindo informações sobre uma possível imigração.



Tinha mesmo colocado a hipótese de viajar de bicicleta.



MINISTÉRIO
DOS
NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
Serviços da Cifra

372
TELEGRAMA EXPEDIDO N.º 10

Para a } Embaixada
o } Legação } de Portugal em Haia
o } Consulado }

Ostensivo em 23 de Abril de 1940
Cifrado

*ad Consulair
26-4-1940 - Dava*

10- Confidencial- Crescente afluencia judeus a Portugal e actividade que aqui desenvolvem tornam inconveniente segundo opinião Policia de Vigilancia e Defesa do Estado continue ser-lhes permitida entrada no pais, independentemente nacionalidade interessados. Rogo por isso a V. Exa ordenar Consules de Portugal na Holanda quando lhes forem solicitados vistos em passaportes averiguem escrupulosamente se se trata de judeus. Nenhum visto passaporte judeus poderá ser concedido sem autorisação deste Ministério.

a) Ministro